



Comunica Ação Espírita

Órgão de difusão da Associação de Divulgadores do
Espiritismo do Estado do Paraná

Site: www.adepr.org.br - Redação: adepr@adepr.org.br

“O Espiritismo será o que dele fizerem os homens.”- Léon Denis

Assinatura Anual: R\$ 30,00 Ano XXVIII Curitiba - Julho / Agosto de 2024 N° 164
Assine e Recomende!

E ainda nesta edição

A coincidência, para o espírita, da ética com a moral

Os entendidos costumam distinguir ética de moral. No artigo de Cláudio Fajardo de Castro, percebemos que ambos os conceitos confluem para um único vértice de comportamento. A base de seu raciocínio está na questão 629 de “O Livro dos Espíritos”, segundo a qual, *a moral funda-se na observância da Lei de Deus*. Deste modo, se a Lei de Deus é imutável, em última instância, moral também é. Para o articulista, Moral é, então, maior do que ética, pois a ética evolui, moral não. (Artigo, pág. 8).

Ciúme, cobrança, curiosidade, disciplina e desilusão

Iniciamos na edição passada um passeio pelo alfabeto, demorando-nos em uma palavra aqui, outra acolá, para encontrar pontos de contato entre elas e o Espiritismo, ainda que nem sempre, à primeira vista, apresentem destaque em nossos estudos. Caminhamos agora para a letra “c” e “d”. O que o leitor pensa dos sentidos de cada um dos vocábulos contidos no título? São bons ou maus? Reflita conosco em *Conexões e Reflexões de A a Z*, pág. 6).

O que sabemos a respeito das colônias espirituais

Há quem duvide – referimo-nos aos próprios espíritos – sobre a existência delas, as chamadas colônias espirituais, tão bem descritas, principalmente, nas obras do espírito André Luiz. Descontando as dificuldades para transformar textos em imagens, temos, também, os filmes *Nosso Lar I e II* (“Os Mensageiros”).

Nesta edição, o leitor encontrará nas páginas centrais, ampla pesquisa sobre o que já foi dito sobre elas. Com o uso de outras palavras ou expressões, as primeiras referências vêm das próprias obras de Kardec, como as questões 278, 254, 22 e 230 de “O Livro dos Espíritos”. Outras estão em “O Livro dos Médiuns”, “O céu e o inferno” e na *Revisa Espírita*.

Seguimos depois com muitas outras informa-

ções de diversos autores encarnados e desencarnados, em livros mediúnicos ou não, e artigos da imprensa.

No decorrer de toda a matéria, o leitor conhecerá detalhes sobre a estrutura “física” de algumas

dessas colônias, suas paisagens, a existência de animais e a vegetação, os meios de transporte e curiosidades como a realização de cirurgias e partos.

O que trazemos aqui, de modo condensado, é, portanto, uma coletânea de tudo aquilo que lemos ao longo de muitos anos a respeito do assunto, naturalmente sem a pretensão de esgotá-lo. Cabe ao leitor

comparar as informações, refletir sobre elas e tirar as suas próprias conclusões. (**Palavra dos Espíritos e dos espíritos**, pág. 04 & 05).



Quem cala, consente

Em nosso meio, saber silenciar é tido como uma virtude. Diante de uma ofensa, por exemplo. Mas há momentos em que o silêncio pode significar omissão, covardia. Às vezes, sem menosprezar a fraternidade, é necessário denunciar o que está errado.

Ideias perigosas e defesa de comportamentos incompatíveis com os princípios espíritas têm se infiltrado em nosso Movimento, principalmente pela *internet* sem que ninguém sinalize com um alerta.

Além dos prejuízos que isso pode causar ao próprio movimento, disseminando dúvidas e confusão, devemos considerar a repercussão negativa àqueles que eventualmente acessarem algum desses artigos ou assistirem a uma *live* em que, por exemplo, aprova-se a liberação da maconha. (**Editorial**, pág. 2).

Emmanuel, Shakespeare e Einstein

Nesta edição, selecionamos aforismos ou frases de efeito destes três grandes vultos da humanidade. Do primeiro, mentor do médium Francisco Cândido Xavier, em pronunciamento através do livro “Indulgência”. Os dois últimos ditos em algum momento de suas trajetórias conhecidas aqui mesmo na Terra.

Cada um deles encerra um conhecimento, um preceito de vida que pode ser útil a cada um de nós que ainda nos demoramos revestidos do corpo carnal e em pleno campo experiencial como seres reencarnados.

Expressar em palavras o que nos move o coração pode ser a apresentação de nossa carteira de identidade espiritual. Mas apresenta os dois lados da moeda, o bem ou o mal. Autenticidade ou deixar-se trair a si mesmo fornece um escape à mentira. Por fim, o fixar de nossos desejos em objetivos reais e não nas ilusões. (**Trocando em Miúdos**, pág. 7).



As perigosas infiltrações no Movimento Espírita

Ideologias francamente más. São o que são. Não há como disfarçar. Por mais que tentem se ocultar por detrás de conceitos elevados e belas palavras, transpiram humores doentios. Armam-se de argumentos falsos embrulhados em pacotes atraentes aos corações sensíveis com o claro objetivo de enganar os incautos.

Mas o Movimento Espírita parece desatento como se vivesse em outro planeta, como a querer antecipar-se ao mundo dos espíritos em sonhada plenitude de paz, isento dos problemas que afligem a humanidade. Cala-se. Não reage. Não discute e, permissivamente, aceita que a água pútrida contamine a fonte pura.

O discurso, muitas vezes, é elaborado, bem construído, verdadeiro canto de sereia. Apropriam-se de vocábulos e expressões como o progresso, por exemplo, colocado pelo Codificador como característica fundamental da Doutrina Espírita e criam em torno toda uma teoria que acomode ao modismo “progressista” defendido pelo socialismo.

Adoram os sofismas, revestir os ensinamentos espíritas de suposta modernidade e, principalmente, culpar os que se mantêm fiéis às origens. Estes são antiquados, prisioneiros das tradições judaico-cristãs. E, claro, não falta a adjetivação pesada destinada pelo radicalismo inconformado a todo aquele que discorda de suas ideias. Por defender os valores familiares e os costumes conservadores são logo rotulados de extremistas e comparados aos piores exterminadores da humanidade.

Ora, o progresso, necessariamente, tem que conduzir ao melhor, é o trabalho que visa promover o bem e o bom. Porém, a proposta, se bem examinada, ao contrário, representa apenas o avanço do mal.

Encontros, seminários e livros exaltam a prioridade de implantação da igualdade e justiça social, o respeito às minorias – o que ninguém nega ser necessário –, mas embutidos em sofismas, utopias e liberdade extravagante para todos e para tudo como se em sociedade fosse possível dispensar regras e limites. As propostas costumam ser impositivas, na base do estardalhaço e da recriminação de quem ousa pensar diferente e opta pela manutenção de seus valores familiares, religiosos e morais.

Quando se pretende naturalizar o antinatural algo está muito errado. Pretender justificar a liberação do uso e posse de entorpecentes sob o argumento de se estabelecer igualdade de direitos porque os ricos consomem livremente enquanto os pobres e negros da periferia, quando flagra-

dos, apanham da polícia, é valer-se de argumento raso.

Deixa-se de lado os problemas decorrentes do uso em si para se fixar em cima de um aspecto que, embora possa conter alguma verdade, não é o cerne da questão. Ignoram-se os prejuízos à saúde e o fato de que a venda continua proibida, portanto, o fornecedor da droga continuará sendo o traficante como sempre foi.

É de conhecimento geral que a maconha é porta de entrada para o vício em outras drogas mais pesadas, sem falar dos prejuízos familiares e sociais e da violência fomentada.

Em outro momento relativiza-se a prática delituosa do aborto, aplaudindo decisões do Judiciário que, usurpando cada vez mais o direito de legislar, flexibiliza os casos, prazos e meios para a interrupção voluntária da gravidez, contrariando o Conselho Federal de Medicina e processando médicos que se negam à prática na rede hospitalar pública.

Em *lives*, *blogs* e artigos de periódicos digitais festeja-se o Dia do Orgulho LGBTQ+ omitindo devidamente os exageros da manifestação, as performances agressivas e grotescas, de total mau gosto, e que têm incluído até mesmo crianças supostamente já definidas como transexuais e incentivadas a buscar a mudança de sexo.

Tudo isto faz parte de uma pauta bem mais ampla de exigências a que todos nós, segundo seus defensores, temos que se submeter se pretendemos ser considerados espíritos esclarecidos e em vias de regeneração.

Em tempos de transição planetária talvez não devamos nos surpreender tanto com os diversos tipos de conflitos de ideias e interesses com os quais estamos tendo que conviver, porém, o que causa espanto e ver espíritas se esfalfando para defender o indefensável.

Todo indivíduo é livre, não só para crer naquilo que lhe pareça mais justo, como também, de se manifestar a respeito. Por outro lado, ninguém tem o direito de lançar anátemas ou proibir a sua presença no Movimento.

Mas todos devemos manter a vigilância no sentido de não nos tornarmos coniventes, silenciando diante das infiltrações nocivas que podem confundir os mais desatentos.

A verdade sempre tem que prevalecer. Não podemos permitir que o patrimônio cultural, moral e espiritual deixado por Allan Kardec, auferido parte de si, e especialmente, do extraordinário manancial de ensinamentos oferecidos pelos Espíritos seja malbaratado por supostos vanguardeiros e sábios intérpretes da verdade.

Estamos ficando com medo de falar, de ferir suscetibilidades e até mesmo de sofrer represálias, contudo é absolutamente necessário armar-se de coragem e não fugir do enfrentamento, do debate alteritário, respeitoso, não excludente. A gravidade da situação requer postura ativa e responsável.



ADE - PR

EXPEDIENTE

Jornal COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Órgão de divulgação da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado do Paraná (ADE-PR)

Editor
Wilson Czerski

Jornalista Responsável
Ricardo A. Dias - DRT-PR 5504

Diagramador
Aparecido José Orlando

Endereço para Correspondência
Rua João Soares Barcelos, 2715 / B-6
Boqueirão - Curitiba - PR
81670-080

Tiragem desta Edição
600 exemplares

Impressão
Folha de Londrina

Assinatura anual do jornal: R\$ 30,00.

Depósito Banco do Brasil

Agência 2823-1 conta corrente 205.755-7

CNPJ: 01.470.216.0001-83.

Informações pelo e-mail: adepr@adepr.org.br



Era o bimestre julho-agosto de 2014 e naquela edição, este CAE estampou na capa o seguinte: “O ECA não deve ser salvo-conduto para o crime”. Esta frase havia sido dita pelo então vice-presidente da Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas – ABRAME, Clayton Reis, em entrevista concedida por ele no dia 05 de julho daquele ano ao programa de Tv *Diálogo Espírita*, da ADE-PR. Veremos mais quando chegarmos à página 8 nesta nossa recapitulação.

Na página seguinte, no **Editorial**, o tema foi “Reflexões da Copa”, evento esportivo realizado em nosso país. Vários incidentes, curiosidades e revelações surpreendentes marcaram as disputas, envolvendo atletas e torcedores.

Relembremos alguns deles. Dois irmãos, Boateng, repetiram o já ocorrido quatro anos antes, no mesmo evento realizado na África do Sul: enfrentaram-se jogando por seleções diferentes, isso em função de serem filhos de pai ganês, mas de duas mães alemãs diferentes.

Correram o mundo as imagens dos torcedores japoneses recolhendo todo o lixo das arquibancadas após o término das partidas, juntamente com outras mostrando a educação dos nipônicos em seu país, onde cada um carrega e leva para a própria casa o lixo que produz; não há – ou, ao menos, não havia – lixeiras em Tóquio.

Luís Soares, o Luisito da seleção uruguaia, atualmente no futebol americano, irritado, mordeu um adversário italiano e um atleta camaronês agrediu com uma cabeçada um companheiro de equipe ao término do confronto com o Brasil, confessando que jogava por dinheiro. Para ser justo, cite-se que ele atuava como embaixador da ONU junto ao continente africano e tinha projetos contra a pobreza.

Em meio às dezenas de histórias emocionantes de familiares e de superação de jogadores, uma chamou a atenção: a do zagueiro brasileiro Thiago Silva. Que só estava ali porque o avô interferiu e não permitiu que a filha, pobre e sem marido, abortasse o bebê.

Recentemente (*) vimos uma entrevista com a mãe do craque português Cristiano Ronaldo declarando que, também ele, eleito cinco vezes o melhor do mundo, quase foi abortado.

Jogadores ganeses exigiram que o governo de seu país fretasse um avião especial, para trazer os valores das gratificações correspondentes à classificação e alguns foram vistos cheirando maços de dinheiro no hotel.

Tivemos a seleção canarina humilhada pelos 7X1 da Alemanha, justamente no Dia da Alegria; vaias ao hino do Chile por imitar o “à capela”, declarações racistas e ameaças a um colombiano que atingiu o nosso craque Neymar, sem falar das drogas correndo soltas entre torcedores, na Vila Madalena, em São Paulo, após os jogos.

Como os turistas adoram o Brasil, mesmo com todos os nossos problemas, a certa altura, o editorialista pontuou: *E nosso país reforça a pretensão de exercitar o soft power, ou poder suave, a influência no mundo através de ideias, valores e da cultura, em contraposição ao hard power, imposto por forças militares ou coerção econômica.* E não faltaram críticas pelos gastos com a construção dos estádios.

Muitos exemplos, bons e ruins. Alegrias e tristezas. Olhares de futuro. Dez anos depois, fica a pergunta: o que podemos esperar para o futuro do nosso Brasil?

Na página 4, publicamos a seção **Livros que eu recomendo** e a obra analisada da vez foi “O perispírito e suas modelações”, de Luiz Gonzaga Pinheiro, da Editora EME. E na seguinte, em **Traços Biográficos**, sob título “A médium que convenceu Cesar Lombroso”, a personagem em foco foi a médium italiana Eusápia Paladino.

Na página 6, seção **Perguntas & Respostas**, atendemos a duas questões. A primeira delas era “Quando a pessoa morre, ela assiste ao próprio velório?” E a segunda, “Sempre reencarnamos na mesma família?”.

Chegamos à penúltima página com o texto “Orientações básicas para a criação de um programa radiofônico espírita”, de autoria do confrade Paulo R. Santos, já desencarnado.

E fechando a edição de número 104, ocupamos-nos com detalhes da entrevista de Clayton Reis e a Seção **O que dizem os outros jornais**. Desta última, registramos a realização do II Encontro Espírita Ibero-Americano, realizado na Espanha.

Sobre o ponto que chamamos a atenção no início deste resumo, ou seja, o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente e a discussão antiga da redução da maioria penal, as declarações do Dr. Clayton Reis fizeram-nos escrever que “(...) mesmo apontando os problemas do sistema carcerário que só agravariam a situação dos menores de 18 anos que para lá fossem recolhidos, caso a legislação fosse

alterada, admite que algo precisa ser feito com urgência, a começar por uma revisão do ECA. A sociedade não pode continuar refém; o Congresso Nacional precisa rever a infracionalidade dos menores de idade”.

Vale recordar como o magistrado manifestou-se sobre a bandeira da esquerda de que a criminalidade é decorrência da miséria social e econômica. Para Clayton, “o meio social pode atenuar ou agravar os pendores que o espírito já traz de outras vidas e, portanto, desempenha um papel importante no processo, porém, prevalece sempre o livre-arbítrio individual”.

Segundo ele, seria ofensivo às classes menos favorecidas economicamente essa associação de pobreza e criminalidade, pois a imensa maioria dos pobres é composta por pessoas honestas. *Quando a família vai bem, a sociedade vai bem e quando a família vai mal, a sociedade também vai mal*, finalizou.

N.R. Uma década depois, o quadro mudou para pior. A violência aumentou. O ECA não foi revisto. Os projetos de lei para redução da maioria penal seguem engavetados. Ampliou-se a impunidade com as audiências de custódia, as decisões do Judiciário em favor de narcotraficantes e criminosos em geral, o cerceamento à atuação das forças de segurança e políticas de desencarceramento, além dos crônicos baixos investimentos no sistema penitenciário.

(*) N.E.

Um assunto que causa muitas controvérsias são as chamadas colônias espirituais. Na memória de muitas pessoas estão bem presentes, por exemplo, as imagens dos filmes *Nosso Lar I e II*. Mas há quem ache que as descrições de André Luiz são narrativas ficcionais.

Apresentamos aqui, de modo condensado, uma coletânea de tudo aquilo que lemos ao longo de muitos anos a respeito do assunto, naturalmente sem a pretensão de esgotá-lo. Cabe ao leitor comparar as informações, refletir sobre elas e tirar as suas próprias conclusões.

Enada melhor do que começar por Kardec. Na “Revista Internacional de Espiritismo”, agosto/2011, Fausto Fabiano da Silva organiza algumas informações contidas em “O Livro dos Espíritos”. Na questão 278 consta que os espíritos *se reúnem por uma espécie de afinidade...* Ora, raciocina o articulista, se reúnem, o fazem em algum lugar em realidade constituída de alguma forma de matéria. Na resposta seguinte, *As regiões que os habitam...* Isso lembra “morar” e “casa”. Na Q. 254: *o espírito ‘repousa’ no sentido de não estar...* Precisa de um lugar específico para isso. ‘Habitam’ também faz pensar em estrutura organizacional ou cidade. Voltando à Q. 278: *Constituem um mundo do qual o vosso é pálido reflexo...* Alternando para “O Livro dos Médiuns”, no capítulo ‘Laboratório do Mundo Invisível’: *o Espírito dispõe sobre os elementos materiais dispersos... um poder; e na Q. 22: mas a matéria existe em estados que ignorais... tão sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos.* Para ser atendido deve haver algo como hospital e, também, universidades, pois os espíritos progredem lá (Q. 230). Então, segundo Fausto Fabiano, os Espíritos e Kardec fazem, sim, menção, de certa forma, às colônias.

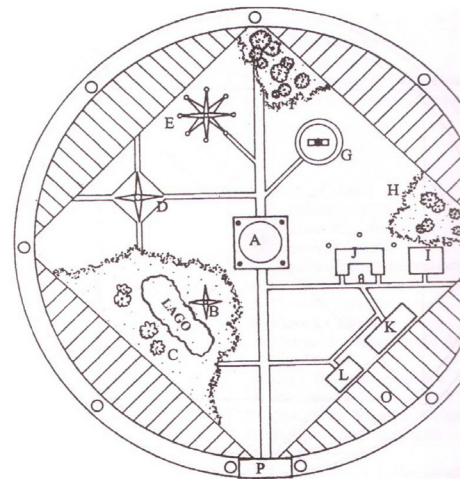
Citamos agora várias referências a favor e contrárias à existência das colônias espirituais. Mais uma vez cabe ao leitor consultar tais fontes haja vista a falta de espaço aqui para reproduzi-las integralmente.

Esta compilação foi publicada no jornal “Opinião”, nº 258, dezembro/2017. Referências a favor – a) *Revue Spirite*, abril/1868, uma mensagem assinada por Makariosenagape, de 1798, que descreve o deslocamento de grupos de espíritos pelo mundo espiritual e o encontro com uma entidade saída de um “delicioso bosque”; b) em “O Céu e o Inferno”, 2ª parte, “Espíritos felizes”, mensagem da Condessa Paula que se refere a “moradas aéreas, vastas regiões do espaço matizadas de cores...”. Referências que negariam sua existência – a) OLE, Q. 1017 e *Revue Spirite*, abril/1859 (Quadro da Vida Espírita). Outras obras anteriores às revelações de André Luiz favoráveis – a) “A vida além do véu”, George Vale Owen (1913); b) “Raymond: uma prova da sobrevivência da alma”, Oliver Lodge (1915); c) “História do Espiritismo”, Conan Doyle (1926); d) “A vida no outro mundo”, Cairbar Schutel (1932); e) “Cartas de uma morta”, Maria João de Deus/Chico Xavier (1935) e “Memórias de um suicida”, Camilo Castelo Branco/Yvone Pereira (1954). Falam delas, também, Manoel Philomeno de Miranda e Ernesto Bozzano em “A crise da morte”. E Léon Denis diz “Espíritos similares se agrupam e constituem verdadeiras sociedades do invisível” (“Depois da morte”).

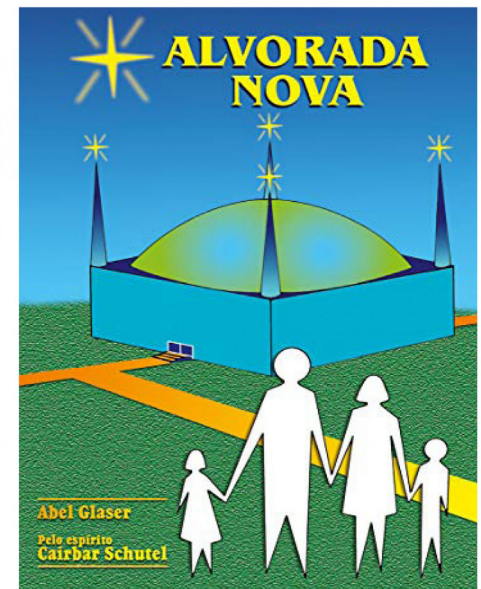
Ressalte-se Allan Kardec no item 38 do capítulo XI de “A Gênese” (Emigração e migração dos espíritos – raça adâmica) no qual o Codificador fala sobre “... uma dessas colônias de Espíritos, vindos de outra esfera...”.

Mais abaixo conheceremos um pouco sobre a estrutura, organização e atividades dessas colônias. Para facilitar o entendimento uma vez que as informações fornecidas são específicas a esta ou aquela colônia, nomearemos algumas citadas por André Luiz e outros autores.

Deste temos: *O Lar da Bênção*, mencionada na obra “Entre a



DESENHO Nº 2: VISÃO GERAL DE ALVORADA NOVA



Terra e o Céu”; *Mansão da Paz*, em “Ação e Reação”; *Campo da Paz*, em “Os Mensageiros”; *Casa Transitória de Fabiano*, em “Obreiros da Vida Eterna”; *Cidade Estranha*, em “Libertação”, *Lar de Cipriana*, em “No Mundo Maior” e *Redenção*, em “Sexo e Obsessão”.

Espíritos Diversos, pelo médium George Vale Owen, em “A Vida além do Véu”, cita *Cidade de Castrel* e em “Conversando sobre a mediunidade”, de Abel Glaser e Cairbar Schutel, temos a colônia *Alvorada Nova*. E a médium Vera Lúcia Marinzeck através de Espíritos Diversos, no livro “Perante a eternidade”, recebeu notícias da colônia *A Caminho da Paz*.

Linda Williamson não é espírita, mas seu livro “Fantasmas, espíritos e aparições” é muito interessante. Diz ela que o mundo espiritual é mais sutil, mas semelhante ao nosso. Há cidades grandes e pequenas, árvores e flores com cores desconhecidas. Mora-se com os que o antecederam. Há crianças e animais recebem seus donos. Tudo isso no primeiro plano, o astral. Há outros mais evoluídos.

A “Revista Internacional de Espiritismo”, setembro/2002 cita o livro “Educandário de Luz”, de Chico Xavier/Espíritos Diversos notificando que “há uma cinta densa com cerca de 50 quilômetros e a cinta leve com 950 quilômetros acima da Terra... onde almas desencarnadas vivem em comum com criaturas sub-humanas”.

A propósito, no jornal “Folha Espírita”, junho/1998, foi citado o livro “Vida no além”, de Marlene Nobre, no qual consta a informação de que certa vez o médium Chico Xavier, desdobrado, encontrou lá edificações que na Terra já não existiam há muitos anos, mantido, segundo ele, pelos vínculos do(s) espíritos com elas.

Com a palavra agora Ernesto Bozzano no livro “A crise da morte”. A paisagem astral descrita por uma entidade compunha-se de duas séries de objetivações do pensamento. A primeira permanente resultante da objetivação do pensamento e vontade de entidades espirituais muito elevadas; a outra, transitória e mutável, objetivação de cada espírito, criador de seu próprio meio imediato.

Marta Antunes Moura, na revista “Reformador”, nº 2.173, abril/2010, recorda André Luiz em “Evolução em dois mundos”: *As sociedades humanas desencarnadas, em quase dois terços, permanecem jungidas, de alguma sorte, aos interesses terrenos.* E de “O Consolador”: *O homem desencarnado procura... no Espaço as aglomerações afins... de*



modo a continuar o mesmo gênero de vida abandonado na Terra.... E: Regiões abismais são (abismos ou Trevas) abaixo da superfície terrestre; umbral; há as colônias de transição ou de Fronteira (entre o umbral e regiões superiores; esferas superiores).

Algo a respeito também nos relata François Brune, em “Os mortos nos falam”. Há “estações-orbitais”, regiões de trânsito para desencarnados. Embora as “colônias”, para muitos, também, só sejam temporárias, aqui, apesar das semelhanças “físicas”, seria outra coisa. Há referências sobre moradas, criações mentais coletivas por afinidade.

Passemos agora a alguns detalhes da estrutura “física” de certas colônias, bem como de suas rotinas.

Flávio Távora Pinho, no livro “Interferências dos espíritos – aprendendo sobre o espírito”, cita colônia *Redenção* descrita por Manoel Philomeno de Miranda em “Sexo e Obsessão”, que possui mais de um milhão de habitantes e localiza-se sobre um grande centro urbano brasileiro, fundada pouco antes da Independência.

Na “Revista Internacional de Espiritismo”, julho/2002, Domério de Oliveira escreveu sobre a colônia *Alvorada Nova* (descrita no livro homônimo de Abel Glaser) que possui dois postos de socorro. Um com 12 prédios, 10.000 trabalhadores e 50.000 enfermos e o outro com 15.000 trabalhadores e 60.000 a 70.000 atendidos.

Geziel Andrade, em “Os animais na obra de Deus”, lembra que Vera Lúcia Marinzeck, em “Perante a eternidade”, psicografando Espíritos Diversos, revelou que o umbral não é uniforme; há diversos tipos de relevo, paisagens, presença ou não de água, vegetação de vários tipos. Do mesmo modo na colônia espiritual e educandário “A caminho da paz”, há bosques, flores, muitos animais (coelhos, esquilos).

Geziel contribui com mais ao informar que no prefácio do livro “A vida além do véu”, psicografado pelo reverendo G. Vale Owen, o espírito da mãe dele diz que ‘morava’ próximo da crosta, mas havia lá construções, árvores, flores, pássaros, tudo mais belo do que na Terra.

Falando em vegetação, André Luiz, em “Evolução em dois mundos”, afirma que “... plantas e animais domesticados pela inteligência humana podem ser aí (Nosso Lar) aclimatados e aprimorados por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem...”.

No livro “A vida nos mundos invisíveis”, de Anthony Borgia e o espírito do Monsenhor Robert Hugh Benson, consta que tudo o que existe

por lá serve de modelo para o que surgirá na Terra e, portanto, não há mudança brusca entre esta e as esferas imediatas.

O deslocamento em *Nosso Lar*, como sabemos é através da volição ou utilizando-se do aerobus. Mas André Luiz faz uma ressalva. Em *Os Mensageiros*, diz ele que para tarefas especiais dos trabalhadores da colônia e para os espíritos reencarnantes (para não sofrerem perturbações) fazem a viagem das colônias a Terra diretamente, mas quando em aprendizado e experiência, eles vêm por caminhos difíceis (sombras, abismos, montanhas, animais estranhos) que são projeções dos encarnados.

Nessas ou, ao menos, em algumas dessas colônias há escolas, cirurgias, crianças que crescem. Vamos ilustrar. Livro “Entre a Terra e o Céu”, André Luiz informa que espíritos de crianças estavam numa espécie de educandários (*Lar da Bênção*) em preparação à reencarnação e havia ali também “instrução primária” e “alfabetização”.

No livro “Nossa vida no além”, a autora Marlene Nobre menciona o espírito Hilário Sestini, o qual dizia que passou por cirurgia espiritual torácica. Uma vítima de meningite também passou por cirurgia e uma mulher grávida deu à luz lá, por cesariana.

Outra curiosidade constante nesta obra é o apontamento de que fotografias de quando encarnado e do espírito materializado através do médium Peixotinho, provam que o espírito Carlos Augusto Ferraz de Lacerda crescera. Tinha 15 anos então.

Ainda de “Os Mensageiros”, fala-se em *Campo da Paz*, outra colônia, mais próxima à Crosta e rodeada por postos de socorro. Na colônia ficam os mais recalcitrantes, perversos, iludidos. No *Nosso Lar*, os já arrependidos, sofredores, etc, portanto, em recuperação. Há casamentos nas colônias. E mensageiros encarnados (médiums, doutrinadores) e desencarnados (comunicantes) são preparados no Ministério das Comunicações. No “posto”, muitos ficam em sono com pesadelos. Pelas preces em

conjunto, sopro, passe e outros tratamentos, alguns despertam.

Para fechar, a interessante narrativa a respeito de como foi resolvida a situação em *Nosso Lar* na época em que os seus habitantes passaram a exigir alimentos mais substanciosos, similares com os quais estavam habituados aqui na Terra.

Duzentos instrutores de esferas superiores ministraram cursos para ensinar métodos de respiração e absorção de princípios vitais da atmosfera e de água misturada a elementos solares, elétricos e magnéticos.

Houve oposição, protestos, reuniões. O primeiro ministério que aderiu foi o da Elevação. No do Esclarecimento houve resistência dos estudiosos das ciências matemáticas que insistiam com os carboidratos e proteínas.

Na época, o ainda departamento da Regeneração também se rebelou estabelecendo comércio clandestino com o Umbral. O Governador mandou fechar o Ministério da Comunicação e ligar as baterias elétricas das muralhas. Ao todo foram 30 anos até conseguir a implantação do novo regime ali. Desde então, alimentos mais parecidos com os da Terra só há nos Ministérios da Regeneração e do Auxílio.



Maria Ana de Brito Valim

Fonoaudióloga e Psicopedagoga . CRF 9353/PR

+55 41 99976-4833

maria_ana_valim@hotmail.com

Av. Sete de Setembro, n 4214, conj. 203
80250-210 – Batel

Fonoaudióloga: Mestre em Distúrbios da Comunicação
Disfagia: Parkinson, ELA, TCE (neurológicos)
Linguagem: Adulto nas Afasias e Demências e Infantil: Avaliação e Terapia; Terapia do Processamento Auditivo Central - PAC
Atendimento: Particular - Domiciliar e Consultório

Pedagoga: Especialista em Psicopedagogia
Avaliação e Terapia Psicopedagógica
Orientação Institucional e Familiar.
Atendimento Particular no Consultório.



CIÚME – Na questão 933 de “O Livro dos Espíritos”, os Instrutores Espirituais afirmam que a inveja e o ciúme são vermes roedores que torturam a alma. Como estamos enfocando nesta oportunidade somente o ciúme, bom se diga que, de fato, ele é causa não só de muito sofrimento íntimo por parte da pessoa que o alimenta, como tem levado ao cometimento de crimes como o feminicídio.

A Psicologia vê o ciúme, quando em grau razoável, até como um sentimento normal. Porém, se exagerado, passa a constituir uma espécie de distúrbio emocional. Demonstra imaturidade, insegurança, egoísmo, apego exacerbado a pessoas, objetos, animais. Nestes casos, temos o ciúme excessivo e depois dele o patológico.

Espiritualmente falando, o ciúme, “verme roedor” é inimigo da paz e do equilíbrio. É uma deficiência grave que requer atenção e combate. O ciúme faz mal ao ciumento e às pessoas vítimas deste seu sentimento que já ultrapassou os limites do amor e da proteção para se resumir na posse, na subjugação, obsessão de encarnado para encarnado.

COBRANÇAS – Devemos primar pelas cobranças feitas a nós mesmos. A autocrítica, o autoconhecimento e a admissão sem eufemismos de nossas deficiências morais e intelectuais, descortinando-nos a necessidade de estudo, trabalho, coragem e força de vontade, entre outros atributos, para promover o gradual aperfeiçoamento espiritual, esse é um processo que indica inteligência, mais que isso, sabedoria por parte do indivíduo.

Cobrar dos outros quando ainda não somos capazes de se apresentar pessoalmente conforme as exigências marcadas é uma atitude indesejável que não ajuda em nada as relações interpessoais. Ao contrário, só as complica.

Uma outra maneira de ver as cobranças são aquelas que nos chegam pelas portas das experiências, principalmente as inesperadas. Doenças, prejuízos financeiros, desilusões amorosas, perde de emprego, perturbações prolongadas, podem ser sintomas de que estamos diante de alertas da vida.

Podem ser originárias da nossa consciência ou de espíritos protetores familiares indicando que estamos no caminho errado ou que chegou o momento de nos voltarmos para aspectos da vida até então negligenciados, compromissos negociados no planejamento reencarnatório.

Finalmente, há as cobranças dos inimigos. Referimo-nos particularmente dos desencarnados através de processos de perturbação, das mais leves até os graves processos obsessivos. Também eles têm algo a nos ensinar e melhorar a nossa balança de pagamentos morais de outros tempos.

CURIOSIDADE – Há uma diferença entre a pessoa ser curiosa e indiscreta. A primeira é motivada pelo desejo de conhecer algo, saber, inteirar-se, aprender. Portanto, é uma atitude válida, positiva. Bem outra é a situação daquela que ambiciona bisbilhotar a vida alheia ou satisfazer uma necessidade insopitável, às vezes, mórbida de ver os estragos de um acidente ou a vítima de um crime, por exemplo.

Na Doutrina Espírita compreendemos que não devemos ser levados somente pelo desejo de “ver” os espíritos se manifestarem nas sessões mediúnicas. O Codificador foi o primeiro a impor como regra aos participantes das reuniões na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e a ser seguida em todos os grupos espíritas, a não presença dos simples curiosos.

O apelo que se faz é o de direcionar o desejo de conhecimento para

o estudo de sua filosofia e princípios gerais sem a necessidade de Tomé de querer ver para crer.

DISCIPLINA – É uma nobre virtude e relativamente poucos a possuem. Grande parte do sucesso na vida depende dela, a disciplina. Sua presença no cotidiano das pessoas dá bem a medida do que delas se pode esperar. Com raras exceções de êxitos fortuitos como o financeiro por conta de uma herança, por exemplo, no mais, a falta de ordem, organização e força de vontade tendem a implicar em grau elevado de dificuldade para o indivíduo realizar seus objetivos.

Para nos restringirmos somente na nossa seara, devemos dizer que a disciplina é necessária tanto no estudo como na prática espíritas. Não se conhece o Espiritismo sem a constância. Kardec já nos alertava a respeito afirmando que o seu estudo exige... muita disciplina. Não é lendo um romance aqui, partes das Obras Básicas ali que se o compreenderá em profundidade. O Espiritismo é uma ciência e como tal requer não só leitura, mas estudo, reflexão.

Quanto à prática, vemos, também, muitos adeptos que não se firmam nos compromissos assumidos. Encontram facilmente desculpas para a deserção. Insatisfação com os companheiros de equipe, melindres, falta de tempo, outras ocupações e por aí vai. Se sondarmos mais a fundo veremos que a real causa do afastamento foi a escassez de vontade, minguada capacidade de se impor mais rigor, além, é claro, da falta de compreensão sobre a responsabilidade e consequências que isso implica.

A fuga de hoje sob alegação do uso do livre-arbítrio, o que não deixa de ser um direito, fará com que os deveres não atendidos reapareceram um dia, cobrando (ver item anterior), como se diz, com juros e correção monetária. Serviço adiado não anula a necessidade de posterior realização. Entretanto, as circunstâncias podem não ser as mesmas. Imaginar que serão mais fáceis e melhores combina com ilusão.

DESILUSÃO – Por falar em ilusão, essa história de deixar para amanhã aquilo que poderia ser feito hoje pode ser bem perigosa. Se o adágio popular diz que o adiamento repetitivo é inconveniente e deveria ser evitado no atendimento das nossas obrigações no dia a dia, o mesmo é perfeitamente válido para a vida do espírito.

Dizem-nos os Espíritos Superiores que uma das maiores decepções que os espíritos espíritas se deparam na dimensão espiritual é se defrontar com a constatação do tempo perdido enquanto estavam encarnados. Planejamento reencarnatório bem-feito com o auxílio de entidades familiares e outras especialmente dedicadas a essa tarefa. Nele, o encontro marcado com o Espiritismo em algum ponto da nova existência. E aí desperdiçamos oportunidades, tempo, talentos e experiências.

Uma vez mais, se fomos abençoados com o conhecimento espírita em nossas vidas, façamos bom proveito dele, servindo-nos de sua substância para a nossa melhoria e progresso espiritual e compartilhando com todos aqueles a quem pudermos, de algum modo, alcançar.

A vida terrena não é um passeio turístico. Trabalhemos incansavelmente. Façamos o máximo hoje para não termos que, desiludidos, cruzar a fronteira da morte e cair na dura realidade de termos em mãos muito pouco ou quantidade muito aquém de ações construtivas daquilo a que nos propusemos.



A língua revela o conteúdo do coração. Esta frase do espírito de Emmanuel consta do livro “Indulgência” e chama a atenção para o cuidado que devemos ter no nosso falar. Não à toa, Jesus já afirmara que o homem fala do que o coração está cheio.

Normalmente atribuímos um peso muito maior aos atos do que às palavras e, de fato, podemos considerar como verdadeiro este escalonamento, sendo que abaixo das palavras ficaríamos com os pensamentos devido à sua exteriorização ser imperceptível aos sentidos físicos.

Porém, nem estes últimos, nem a verbalização dos mesmos – podemos até falar sem refletir no momento, entretanto, em algum momento da nossa vida já pensamos aquilo – podem ter a sua importância negligenciada. O pensamento é o substrato, o alicerce das palavras e estas são os projetos sobre os quais as ações tendem a se edificar.

A boa educação, ou melhor, as normas civilizatórias e de etiqueta recomendam atenção com o que falamos. Aliás, há diversas maneiras de se dizer a mesma coisa e tanto uma verdade pode ferir como uma mentira pode seduzir o interlocutor. Mas aí é uma questão de formas de expressão que, a uma observação mais atenta, não conseguirá enganar.

As intenções por detrás das verbalizações, o sentimento que as envolve é mais importante. Pela boca podemos abençoar ou maldizer; podemos orar por nós mesmos e pelos outros e podemos blasfemar contra Deus ou tanto manifestar críticas como cultivar a maledicência; com palavras podemos elogiar e agradecer ou agredir e destruir.

Saem do coração tanto as palavras de carinho, bondade e fé como as de ódio, de mentira e ingratidão. Do coração que sente e do cérebro que comanda vêm os mais belos poemas e os palavrões mais escabrosos.

E qualquer que seja ela, a palavra, uma vez dita, já não há mais como recolhê-la de volta. Contudo, os seus efeitos, quer belos e harmonizantes ou toscos e deletérios, seguirão disseminando energias boas ou más até que esgotem-se em sua intensidade e coloração depois de atingir os ouvidos e sensibilidade alheios e, força redobrada, retornem ao ponto de partida causando desequilíbrio e mal-estar.

Os homens deviam ser o que parecem ou, pelo menos, não parecerem o que não são. Aqui o célebre dramaturgo inglês, quase que ironicamente, desafia a nossa honestidade, rompendo com a hipocrisia, grave deficiência de caráter. Sermos autênticos é uma forma de transpirarmos credibilidade no que falamos e no que fazemos, campo, aliás, justamente o mais vulnerável para aquele que usa de disfarces e subterfúgios na tentativa de criar uma imagem que não corresponde ao seu panorama íntimo.

Dizer uma coisa e fazer outra é a marca registrada do indivíduo que se utiliza da falsidade, de artimanhas para lograr e aparentar o que não é. Mas, por mais hábeis que possam ser no trato das dissimulações, em algum momento a máscara cai e o verdadeiro personagem se revela ao mundo.

Por outro lado, completa Shakespeare, se temos dificuldade para sermos o que parecemos, ao menos deveríamos não querer se passar por aquilo que não somos. Como se costuma dizer, que cada um fique na sua.

Se ainda nos falta uma determinada virtude como a bondade ou a caridade devemos nos mostrar à sociedade como, de fato, somos, naturalmente. Porém, isso fica menos grave do que, ao contrário, oferecermos exhibições daquilo que não possuímos.

Jesus, ao seu modo, condenou partes dos fariseus pelo seu

comportamento ambíguo. Pregavam aos seguidores certas regras que eles próprios não conseguiam ou não desejavam respeitar. Oravam em público, pagavam o dízimo, gostavam de exibir virtudes que não possuíam.

Até hoje encontramos no seio de todas as todas as religiões os fariseus modernos. “Sepulcros caiados” em outra magnífica expressão de síntese de Jesus. Belos, bem cuidados por fora, palavrório bonito, efusivas demonstrações de fé e de bondade e, no fundo, egoístas, orgulhosos, intolerantes, intrigantes, agressivos.

Sejamos nós mesmos. Não nos preocupemos com a aprovação do mundo e, sim, da nossa consciência, local ou esfera onde está inscrita a lei de Deus. Boa situação financeira, quando presente, dispensa ostentação. Inteligência e cultura são adornos da alma e devem ser compartilhados para justificarem o seu valor. Virtudes evangélicas se consubstanciam nas ações desinteressadas ao próximo. Melhor uma pequena verdade do que uma grande mentira.

Nossa terceira frase desta edição, vamos de Albert Einstein. Afirmou ele: **Se quer viver uma vida feliz, amarre-se a uma meta, não às pessoas nem às coisas.** Interessante notarmos que uma mente tão brilhante para a frieza dos números e dos cálculos da Física tenha tido, também, os seus rompantes de maior sensibilidade para os problemas da alma.

Bem, o que o genial cientista quis dizer é que não devemos delegar aos outros a construção da nossa felicidade. Uma vez que somos herdeiros de nós mesmos, o processo de autorrealização só depende de nós.

Talvez este fixar de metas a que ele se refere possa estar representado na ideia de “evoluir espiritualmente com alegria”. Este objetivo máximo comportaria muitos outros menores, inclusive, no plano material. O que não é recomendável fazer é transferir a conquista do nosso bem-estar geral às ações alheias. Não que os outros não possam colaborar para isso, porém, apesar desta solidariedade que deve irmanar todas as pessoas, os demais são apenas personagens de um livro cuja autoria nos pertence.

A felicidade, já está mais do que provado, é um sentimento que emerge de dentro para fora. Muitos possuem tudo o que o mundo pode oferecer e, no entanto, não são felizes. Outros tantos, nada possuem de material e na sua simplicidade conseguem viver em estado de plena alegria.

Os bens, casa, automóvel, roupas, dinheiro investido, tudo é transitório e perecível. Desejamos muito adquiri-lo até o momento que o conseguimos. Passado o primeiro momento de euforia, logo, nosso interesse volta-se para um novo “brinquedo”.

Da mesma forma, outros prazeres mostram-se efêmeros e costumam demandar a busca pela repetição e por outros mais diversificados e intensos. Nunca estamos realmente satisfeitos porque são coisas exteriores que não plenificam o ser. A felicidade verdadeira é tranquila, sem explosões sensoriais. Ela, para todos nós, viajores deste planeta de expiações e provas, não é absoluta ou permanente.

Pode se apresentar mesclada a momentos de preocupação e tristeza. Dores surgem aqui e ali. Mas, no todo, o indivíduo se sente feliz, como nos ensinam os Espíritos Superiores, materialmente pela posse do necessário e espiritualmente pela condição de paz de consciência e de fé no futuro. Com Deus presente em nossas vidas não há espaço para desespero e solidão.

Felicidade é a nossa destinação, segundo a vontade do Criador. Ele nos disponibiliza os recursos. A nós cabe a obra de sua elaboração.



Ética espírita

Se eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado, mas, agora, não têm desculpa do seu pecado. Jesus (João, 15: 22)

Cláudio Fajardo de Castro
claudioeca@bb.com.br (*)

Estamos vivendo na atualidade momentos de grande importância para a nossa evolução tanto do ponto de vista individual como coletivo.

É comum nestes dias por que passamos, estarmos vivendo uma situação de ampla tranquilidade e uma notícia ou fato narrado por um noticiário nos deixar plenamente aborrecido ou até mesmo desequilibrado. Às vezes, é um crime hediondo que nos deixa perplexo; em outras, um ato de corrupção por parte de autoridades que deveriam ter por princípio a manutenção da ordem e dos bons costumes; ou até mesmo um acidente de grandes proporções envolvendo número enorme de pessoas.

Por que estas coisas acontecem na atualidade, quando pregamos que estamos em evolução e que o planeta já está bem próximo do que denominamos “mundo de regeneração”? Não seriam estas atitudes de violência e de falta de caráter um retrocesso e um atraso na melhoria da humanidade?

Sem termos a pretensão de responder questão de tão grande complexidade, podemos afirmar que deste modo acontece devido ao momento por que passa o orbe na atualidade. Sabemos que o planeta está passando por um momento de transição. Passamos de planeta de “provas e expiações” para o já citado mundo de regeneração e por isso acontecem dois fatores que propiciam o quadro que citamos anteriormente e que muito incomoda a todos, indistintamente.

Neste grave momento por que passamos está sendo dado a oportunidade de reencarne a espíritos de grande comprometimento com a moral, e que se encontram de há muito nas regiões inferiores do mundo espiritual; estes têm esta oportunidade para que possam realizar sua transformação moral, ou conquistarem em definitivo a condição de futuros exilados em mundos mais apropriados à sua pouca condição espiritual.

Outro fator que contribui para que estejamos na condição atual é que em momentos como o da atualidade é necessário que vivamos num clima de total liberdade, pois só assim os espíritos podem se manifestar dando testemunho do que são e do que querem. Só há progresso se houver liberdade, pois sendo constrangido ninguém pode provar que está apto a ser aprovado ou reprovado diante das Leis Universais.

Estes dois fatores, o encarne em massa de espíritos descomprometidos com a Ordem, e a necessária liberdade para que cada um possa dizer quem é e a que veio, são sem dúvida decisivos para que estejamos na situação atual.

Vivemos assim várias crises que denominamos crise política, crise econômica, crise na educação, mas que na verdade é uma só, ou seja, vivemos uma grande crise ética que mais corretamente pode ser chamada de “crise moral”.

Aqui, para que possamos aprofundar um pouco mais nosso estudo cabe definirmos alguns conceitos; são eles os conceitos de ética e de moral.

Etimologicamente ética vem do grego *ethos*; em latim temos com o mesmo significado *morale* (de onde veio moral), ambas expressões significam conduta ou relativo aos costumes. Podemos assim concluir que

etimologicamente ética e moral são palavras sinônimas, porém não é bem assim.

Para alguns estudiosos do assunto, ética é princípio, moral são aspectos de condutas específicas; ética é permanente, moral temporal; ética é universal, moral é cultural; ética é regra, moral é conduta da regra.

Falando de forma mais simples podemos dizer que ética não é moral, mas que moral é o objeto do estudo da ética, ou seja, ética é a parte da filosofia que estuda a moral.

Concluindo temos que ética é, então, o regimento, a lei do que seja ato moral, o controle de qualidade da moral, por isso temos os códigos de ética que norteiam as diferentes sociedades.

Para nós espíritas estes conceitos mudam um pouco, pois conforme nos dizem os Espíritos na questão 629 de “O Livro dos Espíritos”, a moral funda-se na observância da Lei de Deus. Deste modo, se a Lei de Deus é imutável, em última instância, moral também é.

Assim, moral não é um conceito temporal ou cultural, mas definitivo. Moral é, então, maior do que ética, pois a ética evolui, moral não. Em verdade, quando dizemos moral “disso” ou moral “daquilo” estamos reduzindo o verdadeiro conceito de moral que como dissemos é imutável, pois fundamenta-se na observância da Lei de Deus como nos dizem os Espíritos Superiores.

Só para exemplificar o que estamos dizendo, podemos lembrar que há algum tempo era ético ter-se escravos no Brasil, todavia, jamais foi uma atitude moral ter-se escravos em qualquer lugar ou época da humanidade. Em algumas sociedades a prática da poligamia é uma atitude ética, porém, jamais será uma atitude moral, pois

é ato contrário à Lei de Deus.

Dito isso, agora podemos responder à pergunta, qual é a ética espírita? E assim, com tranquilidade podemos dizer que a ética espírita coincide perfeitamente com a moral, pois é o ajuste às Leis Universais, o que qualifica a ética do ponto de vista espírita, por ser o Espiritismo o Cristianismo redivivo.

No Evangelho de Jesus temos a prática mais perfeita de acordo com o nosso entendimento do que seja moral. Jesus, como o mais alto representante do Criador na Terra, deixou-nos, através de sua vivência, o maior exemplo de como é estar em uníssono com as Soberanas Leis.

Sendo, como dissemos anteriormente, repetindo as palavras dos Espíritos orientadores, o Espiritismo a revivência do Evangelho do Cristo, é conclusão acertada dizer que a ética espírita é a vivência pura e simples e com muita naturalidade do Evangelho de Jesus. Esse é ponto fundamental de nossa querida doutrina, essa deve ser a filosofia espírita e por que não dizer, a filosofia de vida de todo espírita.

Esta é a ética espírita, ética que o Cristo conseguiu magistralmente sintetizar em apenas um versículo do Evangelho anotado por João: Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. (João 13:34).

(*) Escritor e articulista.

Estes dois fatores, o encarne em massa de espíritos descomprometidos com a Ordem e a necessária liberdade para que cada um possa dizer quem é e a que veio, são decisivos para que estejamos na situação atual.